

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 020 26/05/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (26/05/08)**Recortes****GRÃOS** (Preço líquido pago ao produtor)Feijão Carioca¹ - R\$ 110,00-130,00 / sc de 60 kgMilho² - R\$ 22,00 / sc de 60 kgSoja² - R\$ 41,50 / sc de 60 kg**HORTALIÇAS**³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 6,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 27,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 15,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 7,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,50 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 27,00 / Dz

Mandioca - R\$ 9,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 11,00; Estufa R\$ 13,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 20,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 8,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 42,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 20,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 0,80 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ 11,00 / cx 20 kg

Limão - R\$ 9,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA**Bovino**Arroba⁴ - R\$ 73,00 **Não Rastreado** e R\$ xxxx **Rastreado**Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou aneloreados)⁵

- R\$ 550,00 a 570,00

LeiteLitro⁶ - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,75**Suíno**⁷ - Vivo

Kg - R\$ 3,00

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,58

-- Galinha Caipira⁸

Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00

Carneiro⁹

Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80

Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,50

Avestruz¹¹ - vivo

Kg - R\$ 3,00

Safras maiores exigem mais fertilizantes, e preço aumenta

Os custos dos fertilizantes realmente estão aquecidos. É o que admite a própria Anda, a associação das indústrias. Mas a alta não é exclusividade do Brasil. A forte demanda mundial por alimentos gera produção maior, que passa a exigir mais adubos e fertilizantes. "O preço vem de fora", diz André Pessôa, da Agroconsult. Apenas 20% a 25% do preço final ao produtor depende de custos internos, diz ele. E o país não deve esperar alívio nos custos. China e Índia, onde há aumento no consumo de alimentos, não têm mais terra disponível para cultivar. A saída é o uso maior de fertilizantes, produto subsidiado, segundo Alexandre Mendonça de Barros, da MBAgro.

Fonte: Folha de São Paulo**Brasil pode ganhar mercado dos EUA e Argentina no milho**

Os Estados Unidos e a Argentina podem ceder espaço para o Brasil nas exportações de milho. Por um lado, os americanos reduziram as estimativas de vendas externas do cereal em 10 milhões de toneladas para a safra 2008/09 - que começa a ser colhida em setembro -, enquanto os vizinhos do Mercosul impõem restrições aos embarques. Com isso, as estimativas iniciais de embarques brasileiros de 10 milhões de toneladas poderão ser superadas - mas que dependem também do tamanho da segunda safra do grão. A previsão da Safras & Mercados é que entre 5 milhões a 6 milhões de toneladas dos Estados Unidos venham para o Brasil - parte neste ano-comercial e o restante no próximo.

Fonte: Gazeta Mercantil**Pressão da demanda eleva preço do feijão preto acima do carioca**

A estratégia da dona-de-casa brasileira deu errado. Com o preço do feijão carioca mais caro, o consumidor trocou de produto: passou a comprar mais lentilha ou feijão preto (típico para feijoada). Resultado: elevou a demanda por um tipo cuja produção é menor. A maior procura provocou aumento nos preços. Hoje, a saca de feijão preto custa mais que a de carioca. A média no mês de maio está em R\$ 155,88 a saca do preto ante R\$ 150,28 a saca do carioca. No início do ano, o carioquinha era R\$ 112,38 mais caro. De janeiro a maio, o valor cobrado pelo feijão preto aumentou cerca de 20%, enquanto o do carioca caiu aproximadamente 40%. Apesar disso, as cotações atuais dos dois produtos são as maiores desde 2001

Fonte: Gazeta Mercantil

Pecuária de corte é a atividade menos produtiva do campo

Todo o rebanho bovino do mundo caberia nos **176,4** milhões de hectares de pastagem do Brasil se o País aumentasse a produtividade da pecuária de corte. A atividade é hoje a que tem o maior déficit de tecnologia no campo, segundo estudo da Scot Consultoria. O levantamento mostra que a diferença de produtividade entre a melhor fazenda de gado de corte do País e a "pior" é de **70%**. Na atividade leiteira, o índice cai para **40%**. E na agricultura é bem pequeno: **20%** para a cana-de-açúcar e **10%** para a soja.

"No caso da pecuária de corte o intervalo é muito grande. Isso significa que o potencial de produção da pecuária brasileira está apenas no começo", afirma o diretor da Scot Consultoria, Alcides Torres. Segundo ele, a falta de recursos para investimento é que provocam esta defasagem. Dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento mostram que, em média, a pecuária fica com apenas **20%** dos recursos destinados ao custeio das atividades do campo - os valores referentes aos investimentos não foram fornecidos. "Não há, não houve, não existe nenhuma política de fomento de estímulo à produção pecuária", diz Torres.

Segundo o levantamento da Scot Consultoria, a taxa de lotação média da pecuária brasileira hoje é de 0,8 unidade animal por hectare - cada unidade tem 450 quilos de peso vivo. Torres acredita que, em um horizonte próximo, diante dos resultados positivos da atividade no último ano, o País já possa incorporar tecnologia. Se chegasse a um índice, por exemplo, de 1,2 unidades animais por hectare, o Brasil teria um rebanho de 301,5 milhões de animais ou 30% do mundo (segundo dos dados de Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). Pelo levantamento da consultoria, com quatro unidades animais por hectare, todo o rebanho mundial caberia na superfície de pastagem do Brasil, sem necessidade de incorporação de novas ou de desmatamento.

O diretor acrescenta, no entanto, que este universo não será sentido em curto prazo - dois a três anos - por causa do ciclo da pecuária. O setor passou por alguns anos com os preços do boi gordo em baixa e, em virtude disso, houve descarte de matrizes. Hoje, a disponibilidade de bezerro e de fêmeas é baixa. Assim, segundo ele, nos próximos anos, até que haja uma "harmonia" nesta oferta, a produtividade estará em baixa. Mas, na avaliação do diretor da AgraFNP, José Vicente Ferraz, apesar de os investimentos demorarem um ciclo completo para serem sentidos - entre dois anos e meio e três anos - a previsão é que, já no ano que vem, haja um boom de dispêndio de dinheiro dos pecuaristas visando a melhoria da produtividade - tanto na compra de genética quanto em ações "simples", como a melhoria da pastagem.

"Tudo pode ser feito sem necessidade de aumentar a área, é crescimento vertical", afirma. De acordo com o diretor da consultoria, a incorporação de tecnologia não necessariamente passa pela necessidade de o País mudar seu sistema produtivo e passar a usar, por exemplo, o confinamento. Existem muitas outras ferramentas que podem elevar a produtividade, como a divisão do pasto, a suplementação mineral, a correção do solo, e o manejo rotacionado de capim.

Ferraz, lembra que as realidades de produção são muito distintas em todo o País. "A pecuária gaúcha não tem nada a ver com a do Centro-Oeste, que não também não se assemelha à do Nordeste", afirma. Neste sentido, segundo ele, a incorporação da tecnologia depende da região. Segundo ele, por exemplo, em Mato Grosso e no Pará a simples divisão do pasto já traria muitos benefícios.

Os analistas não sabem estimar os custos do emprego de novas tecnologias, nem quanto o País precisaria investir para chegar a uma produtividade mais elevada. "Mas, com certeza, o benefício é maior que o custo", afirma Torres. Se para ele parte da "defasagem tecnológica" da pecuária brasileira tem a ver com o financiamento da atividade, para Ferraz, está correlacionada com a rentabilidade do setor. "O nível tecnológico de qualquer atividade é determinado pela relação custo-benefício. O produtor precisa ver lucro para querer aumentar a produtividade", acredita. Mas ele acrescenta que se houvesse maior disponibilidade de recursos, o produtor de gado de corte teria maiores condições que o agricultor por ter menos endividamento. Torres lembra também que é preciso uma mudança de cultura não só dos bancos, para ofertar mais recursos, mas também do produtor, de pensar os custos de sua atividade em hectare e não em arrobas. "É agricultura de capim", conclui Torres.

O diretor da Scot Consultoria lembra também que, se hoje o Brasil fosse tão eficiente, não haveria onde colocar toda a oferta de carne e os preços cairiam. Mas acrescenta que o consumo mundial de proteína animal tem crescido e, investindo em tecnologia, o País pode acompanhar a demanda.

Fonte: Gazeta Mercantil